

DIVERSIDADE ÉTNICA DAS IMIGRAÇÕES EUROPÉIAS

Lucildo Ahlert¹

Introdução

A imigração européia que se processou no Rio Grande do Sul, após a independência do Brasil, inicialmente pelos alemães de diversas regiões do que seria, a partir de 1871, a Alemanha e, posteriormente, por italianos e pessoas de outras nacionalidades, propiciou uma diversidade cultural no Estado e principalmente para a região do Vale do Taquari.

Inicialmente cada etnia procurou manter-se coesa, organizando e convivendo nas suas estruturas econômicas, sociais, educacionais e culturais, sem uma aproximação maior com outros grupos étnicos. Com o decorrer do tempo, as aproximações aumentaram e, atualmente, as diversidades, na sua maioria, estão sendo incorporadas por todos os grupos étnicos.

Um dos grupos étnico que procura, mais intensamente, manter suas características originais é o representado pelo westfalianos, que desenvolve atividades para preservar os costumes dos antepassados em termos de língua (dialeto), indumentária, canto e dança.

1. Retrospectiva da Imigração européia

O movimento de emigração de populações alemãs, segundo Barros e Lando (1980), processou-se em dois períodos: até 1850 foi basicamente rural e a posteriormente pelo excedente populacional advindo do desenvolvimento industrial, do crescimento demográfico e das crises de conjuntura econômica.

A preferência por alemães e italianos justificava-se pelo estado de guerra em que se encontrava Portugal com relação aos países da Espanha, Holanda e França, como também pela capacidade que se julgava possuírem para trabalhos agrícolas os povos alemão e italiano. Além disso, o casamento da princesa Dona Leopoldina, de origem germânica, com o Imperador Pedro I iria intensificar a corrente imigratória para o país, pois despertava na Europa o interesse pelo Brasil.

Diferentemente do que ocorreu nas demais regiões brasileiras, no Rio Grande do Sul os colonos eram atraídos por uma política governamental que pretendia formar colônias

¹ Professor da Univates e presidente do CAPEF – Centro de Apoio a Pesquisas e Encontros Familiares

para produzir gêneros necessários ao consumo interno. As colônias localizavam-se próximas de algum centro urbano, mas suficientemente distantes das áreas da grande propriedade, de modo a não representar uma ameaça explícita à sua hegemonia política e econômica.

Assim, o plano imperial da colonização no Rio Grande do Sul iniciou com a chegada da primeira leva de imigrantes alemães que chegou ao Rio de Janeiro em 18 de Julho de 1824 e desembarcou em 25 de julho na colônia de São Leopoldo (antiga Real Feitoria do Linho Cânhamo). A essa leva inicial, composta de 39 pessoas de nove famílias, seguiram-se outras, resultando num total de 5.350 imigrantes alemães que entraram no Rio Grande, no período de 1824 a 1830.

Nova onda imigratória foi desenvolvida no Rio Grande do Sul com a incumbência do governo provincial a partir de 4 de dezembro de 1851, através da Lei nº 229 que instituiu agentes para atuar na Europa com a finalidade de promover a imigração alemã para o Rio Grande do Sul.

A partir de São Leopoldo, as colônias de imigrantes alemães espalharam-se primeiro pelas áreas mais próximas, ao longo dos rios dos Sinos e Caí, atingindo posteriormente zonas mais distantes. Durante o período em que a imigração esteve interrompida (1830-44), a existência de terras devolutas na região do Vale do Taquari propiciou que muitos colonos ou filhos desses se aventurassem nas matas, partindo de São Leopoldo em direção à encosta da Serra, seguindo o curso dos rios, para iniciarem a atividade agrícola como posseiros. Esse movimento provavelmente intensificou-se durante a Guerra dos Farrapos (1835 a 1845), quando muitos colonos fugiram de suas terras com medo dos revolucionários.

A nova onda imigratória alemã iniciada em 1844 e assumida pelo governo da Província atingiu a região do Vale do Taquari. Apesar do interesse manifesto do governo provincial nas terras da região para o estabelecimento de colônias, no Vale do Taquari esse processo a partir de 1850 não foi desenvolvido diretamente pelo governo, mas sim por empresas particulares.

Para atrair emigrantes, as empresas de transporte marítimo faziam propaganda a respeito das possibilidades no Rio Grande do Sul, considerando o atual Estado uma Província rica e extensa, favorecida com os melhores climas. Reforçavam com o apelo de

havia um número de colônias florescentes, das quais a maioria praticamente exclusiva era povoada por alemães. Consideravam ainda que os colonos prosperavam felizes neste clima saudável, vivendo na maioria em boas condições. Com uma população alemã estimada em 50.000 almas, a província estaria estimulando a vinda de novos imigrantes, oferecendo os mesmos lugares para milhares de interessados. Segundo a fonte, à maioria das colônias era concedida uma forma de adiantamento para a compra de terras boas e baratas, bem como também para cobrir as necessidades de custos para as suas primeiras instalações. Para os artesãos, operadores de máquinas e outros, que assim o quisessem, também, haveria serviços com bons salários, nas cidades, como no campo em atividades agrícolas.

Nesse contexto, várias empresas colonizadoras estabeleceram-se na região e transformaram a colonização em um expressivo setor de negócios imobiliários privados e agenciamento de colonos, mediante compra de terras de antigos proprietários ou mesmo de terras devolutas, que eram divididas em lotes destinados à venda para agricultores, estabelecendo-se colônias por iniciativa privada, sob supervisão do governo da Província.

2. Apetrechos trazidos pelos imigrantes

Por recomendação das empresas de navegação, as famílias trouxeram vários utensílios, entre os quais os seguintes: panelas de ferro e de folha flandres e demais utensílios de cozinha, pois estes eram muito mais caros no Brasil; cobertas de penas leves, colchões de palha vegetal; reserva de vestuário; roupa de baixo de algodão e não de linho; camisas e calças masculinas e saias para as mulheres de algodão de cor cinza ou azul; vestimentas de lã somente de uso no corpo. Artesãos levavam ferramentas de trabalho sem os cabos. Como objetos indispensáveis e que cada emigrante deveria levar, são mencionados os seguintes:

- Rebolos com um diâmetro de 14 até 18 polegadas;
- 1 machado por pessoa masculina, com cerca de 3,5 a 4 Kg, sem cabo, bom e resistente para derrubar árvores;
- 1 facão com uma lâmina até 18 polegadas inglesas com bainha de couro;
- 1 machado de mão, 1 a 2 pás de corte, 1 pá forte, 1 a 2 garfos para esterco;
- Artigos e objetos de marcenaria e para jardim, sem ser arados e grades;
- 1 espingarda para cada família;
- Enxadas fortes com a largura de 5 a 6 polegadas, uma para cada trabalhador da família..

Além disso, os que tinham recursos podiam trazer uma serra para cortar toras e fazer

lenha; um serra manual forte para fazer tábuas e outras peças de madeiras; uma serra manual de marceneiro, desmontada; alguns formões e talhadeiras; uma turquesa e brocas; uma a duas foices manuais; uma serra para cortar madeira; trenas e faca para podar árvores frutíferas; sementes de hortaliças acondicionadas em latas ou vidros.

As caixas com a bagagem dos passageiros eram chaveadas e identificadas, tendo no máximo comprimento de 3 pés (1 metro) e largura e altura de 2 pés.

Cada pessoa podia levar bagagem pessoal com conteúdo de 20 pés cúbicos, acondicionado em pequenos baús com tamanho aproximado de 3 a 4 pés cúbicos, que ficava no entre convés. Importante que o frete era calculado pelo volume e não pelo peso

3. A diversidade de imigrantes e a instalação da Colônia Teutônia

Como a maioria das imigrações alemãs aconteceu antes de 1871 (Tabela 1), ano em que Bismarck unificou a Alemanha, os emigrantes vinham de Estados independentes, tendo, apesar de todos serem alemães, características culturais próprias.

TABELA 1 - Características dos Imigrantes ao Rio Grande do Sul - 1854 a 1874

PERÍODO	RELIGIÃO			PROFISSÃO		
	CATÓLICA	OUTRA	TOTAL	AGRICULTOR	OUTRA	TOTAL
1854 A 1863	4451	4285	8736	5251	3485	8736
1864 A 1873	1060	5434	6494	2666	3828	6494
1874	64	293	357	96	261	357
TOTAL	5575	10012	15587	8013	7574	15587

FONTE: Do autor, baseado nos dados de PELLANDA (1925)

Em muitos Estados alemães havia proibição para emigração. Assim, no início do período de emigração para o Brasil, havia proibição na Áustria, na Baviera existiam algumas limitações, enquanto que em Württemberg e Hannover a postura era de liberalidade. Dessa forma, os primeiros imigrantes que aportaram no Brasil saíram, principalmente, de Holstein, Hamburgo e Hannover. Já, a partir de 1826, o centro de emigração passou a ser a região do Hunsrück, vale do Mosela, Trier, Koblenz, sul do vale do rio Sarre e a região montanhosa da Eifel.

O maior afluxo de alemães aconteceu no período de 1851 a 1895 e a imigração de outras origens aconteceu no período de 1881 a 1895, com predomínio de italianos (Tabela 2).

TABELA 2 – Resumo da Imigração no Rio Grande do Sul no período de 1824 a 1914

PERÍODO	IMIGRANTES ALEMÃES		IMIGRANTES DE OUTRA NACIONALIDADE		TOTAL	PERCENTUAL	
	NÚMERO	% POR PERÍODO	NÚMERO(*)	% POR PERÍODO		NÚMERO	ALEMÃES
ATÉ 1830	5.350	11	-----	-----	5.350	100	
1831 A 1845	153	0	-----	-----	153	100	
1846 A 1850	2.565	5	-----	-----	2.565	100	
1851 A 1865	10.454	22	1.090	1	11.544	91	9
1866 A 1880	8.845	18	10.304	7	19.149	46	54
1881 A 1895	9.896	21	85.131	59	95.027	10	90
1896 A 1910	5.329	11	24.437	17	29.766	18	82
1911 A 1914	5.445	11	22.707	16	28.152	19	81
TOTAL	48.037	100	143.669	100	191.706	25	75

FONTE: Do autor, baseado nos dados de PELLANDA (1925)

NOTA (*) - A imigração de outras nacionalidades iniciou no ano de 1857

Nessa fase vieram também grupos de pomeranos, cuja maioria foi para a colônia de São Lourenço e de Agudo, de westfalianos, que se concentraram principalmente em Teutônia, de wurtembergenses, com predomínio em Panambi e de boêmios, com predomínio em Nova Petrópolis, além de pequenos grupos de todas as partes da Alemanha. Quanto à religião, predominaram os protestantes, mas por pequena margem.

A colônia particular de Teutônia foi fundada em 1829. Carlos Schilling, um comerciante atacadista de Porto Alegre, que em 1829, aos dez anos, emigrara da Alemanha para o Rio Grande do Sul, teve a idéia de adquirir aquelas terras devolutas, cobertas de matas e prejudicadas pelo insulamento, prevendo um próspero futuro. Adquiriu do governo uma área de quatro léguas quadradas e iniciou a venda de lotes. Com outros empresários, fundou, então, a **Empresa Colonizadora Carlos Schilling, Lothar de la Rue, Jacob Rech e Guilherme Kopp & Cia** a qual adquiriu, em 1862, um trato de terra que se interpunha entre a colônia e o Porto da Úrsula ou Porto dos Barros, existentes antes do porto de Bom Retiro, que seria fundado em 1875 por Jacó Arnt.

Naquele ano, Lothar de la Rue transferiu-se para a colônia, tornando-se o seu primeiro diretor e depois de dois anos (1864) já se haviam vendido 31 colônias e no trecho entre as atuais Canabarro a Languiru se viam 16 casas e 70 habitantes.

Franz Lothar de la Rue (1824-1871) era natural de Frankfurt, descendente de família

francesa que emigrara para a Alemanha devido à perseguição religiosa. Veio para o Brasil contratado como alferes de batalhão na guerra contra Rosas (Brummer). Dispensado em 1854, recebeu como pagamento mais um ano de soldo e 62.500 braças quadradas de terras. Na região, trabalhou principalmente como agrimensor. Administrava a nascente colônia de Teutônia, a partir de Canta Galo, localidade ao sul de Posses, no atual município de Paverama. Casado com Wilhelmine Diehl, teve sete filhos, um dos quais se chamou Lothar de la Rue, comerciante em Taquara, onde uma rua lhe perpetua o nome.

Em Teutônia, a abertura das picadas à passagem dos humanos e à venda dos lotes, processou-se em três fases:

Na primeira, entre 1858 a 1865, sob a administração de Lothar de la Rue, abriu-se a picada no trecho entre as atuais vilas de Canabarro e Languiru e à qual chamaram de ***Glückauf, felicidade ao alto*** (1858); a Picada Herrmann, atual Linha Germano (1860); e a Picada Boa Vista, atravessando o Arroio Boa Vista rumo ao norte e atingindo o ponto em que mais tarde se desenvolveu a Vila de Boa Vista, hoje Teutônia (1865). Nesta fase esteve em visita a Teutônia o pastor alemão Wilhelm Kleingünther, que viria abrir novas perspectivas à colônia, com previsão de um novo surto de progresso. Sabedor de que muitos conterrâneos seus, simples agregados de lavradores ricos e tradicionais da Westfália pretendiam emigrar, escreveu aos pastores daqueles pagos, recomendando-lhes Teutônia, como empreendimento sério e constituído por uma população evangélica. Assim, já em 1868 veio a primeira leva da Westfália, seguida de muitas outras nos anos seguintes.

Os imigrantes eram agricultores, empregados, empregados domésticos, agregados e artesãos. Os grandes latifundiários odiavam e lutavam contra os agentes. Pastor Kleingünther, cita: “Os grandes agricultores estão com raiva de mim porque eu tirei deles os agregados. No entanto isto pouco me importa”. Na maioria, eram pessoas que tinham ideais, motivação e dedicação ao trabalho superiores aos que ficavam na Alemanha.

Esta nova vertente de imigrantes fez iniciar a segunda fase, já sob a administração de Carlos Arnt, que substituiu de la Rue por motivos de doença. Inicialmente, surgiu a Picada Frank e as Picadas Schmidt, Clara e Welp, nos dois anos seguintes.

A terceira fase da colonização já inclui a vertente do Arroio da Seca, que liga Estrela a Garibaldi e as áreas mais montanhosas de Teutônia. Surgiram as picadas de Catarina, Bismarck (atual Olavo Bilac), Berlin (anteriormente Almirante Barroso), Moltke

(Marechal Mallet), Köln (atual Castro Alves), Krupp (atual Paissandu) e Imhoff.

Quem percorrer os cemitérios da região poderá ler nas inscrições tumulares dizeres, nos quais os colonos tiveram o cuidado de esculpir não só a província alemã da procedência dos falecidos (Westfália), mas até a localidade: Leeden, Ledde, Lienen, Lotte, Iburg, Ladbergen, Tecklenburg, Osterberg, Wersen, Westerkappeln, Atter, Lengerich.

A explosão colonizadora de Teutônia, uma vez que o cordão umbilical da colônia prendia-a diretamente ao Porto da Úrsula, atual Bom Retiro do Sul, sob certo ponto de vista, promoveu a fundação do povoado de Bom Retiro do Sul em 1875, junto a um porto novo acima do da Úrsula, promovida por Jacó Arnt (filho de Carlos Arnt).

A população de Teutônia, que em 1862 era de 258 habitantes, subiu para 3.600 em 1890. Dez anos mais tarde, em 1900, já somava 4.869, passando em 1911 para 6.993 e chegando em 1920 em 10.630 habitantes (Pellanda, 1925)

Teutônia foi elevada a freguesia por lei provincial de 14 de dezembro de 1885, com a invocação de N. S. Bom Jesus.

A região, formada pelos municípios de Teutônia, Westfália, Imigrante e parte de Colinas, representa hoje um ilha dentro da diversidade sócio-étnico-cultural do Rio Grande do Sul. A colonização através de imigrantes com diferentes características propiciou ao nosso Estado, e em especial a nossa região, uma diversidade sócio-econômica-cultural muito grande, expressa, principalmente, em termos de culinária, atividades econômicas, de credos religiosos, dialetos, festividades, estilos de vida, entre outros.

4. A diversidade cultural dos wesfalianos

Quando chegaram à região, a partir de 1869, os imigrantes alemães, em especial os oriundos da Westfália, trouxeram consigo costumes e tradições que os descendentes mantiveram ao longo dos anos, representando hoje parte da cultura westfaliana.

O westfaliano, originário de uma região mais fria, mais para o norte da Alemanha, apresenta características distintas dos demais alemães. É muito dedicado ao trabalho e com personalidade menos extrovertida do que os alemães do Sul, agindo de forma conservadora e com risco medido.

Como grandes diferenciais, a cultura westfaliana apresenta características específicas: o tradicional sapato-de-pau, o dialeto Plattdüütsch e a arquitetura enxaimel.

Os imigrantes westfalianos, vindos de uma região próxima à Holanda com altitude próxima ao nível do mar e com áreas úmidas, estavam acostumados a utilizar um sapato feito integralmente de madeira, que os protegia do frio e da umidade. Estes costumes foram trazidos com a imigração. Como muitos tinham experiência como artesãos, logo apareceram pessoas que começaram a fabricar o sapato-de-pau, como é chamado hoje, continuando, assim o costume de seu uso na sua nova pátria. Atualmente, no município de Westfália é realizado um jogo de futebol especial, conhecido como *Westfälische Foutball*, que conta com regras próprias, em que os jogadores, além de usar vestimentas típicas, calçam chuteiras de madeiras, conhecidas como sapatos-de-pau.

O dialeto Plattdüütsch é hoje ainda falado e entendido pela grande maioria da população, sendo, inclusive, em muitas famílias, a primeira língua ensinada para os filhos e a principal falada. Originário do norte da Alemanha e fazendo parte da língua saxônica, o dialeto é semelhante à língua holandesa e tem uma estreita relação com a língua inglesa, que é anglo-saxônica. No entanto, apesar de ser oriundo de uma região que integra atualmente a Alemanha, não guarda uma semelhança muito grande com a língua alemã.

Considerando que as pessoas que usavam o sapato-de-pau também falavam uma língua diferente que outros descendentes alemães, o dialeto tornou-se conhecido como sapato-de-pau. Mais recentemente, um grupo de descendentes começou a organizar encontros realizados a cada dois anos, conhecidos como Encontros dos Sapato-de-Pau, buscando valorizar e preservar o dialeto entre os descendentes.

Em termos da arquitetura trazida pelos imigrantes, muitas das casas construídas em estilo enxaimel pelos primeiros moradores ainda hoje existem. Muitos proprietários restauraram estas construções com recursos próprios, mantendo-as de forma original e utilizando-as como moradia.

Além desses diferenciais, observa-se também o espírito associativo que os levou a fundar, nas diversas localidades, associações, surgindo assim comunidades escolares, comunidades religiosas e sociedades do canto coral.

As escolas eram todas comunitárias e hoje são municipais em função da legislação do Ministério da Educação que obrigou os municípios a aplicar 25% das suas receitas em escolas municipais na educação das séries do nível fundamental, o que inviabilizou a manutenção de escolas comunitárias.

A comunidade que se ocupava com a educação dos seus filhos também assumia a manutenção do cemitério. Desta forma, toda a comunidade se envolvia com a educação e não, somente, os pais dos alunos. Assim, nas localidades em que não existia ainda uma comunidade religiosa própria, havia um cemitério.

No município de Westfália, a comunidade religiosa mais antiga é a da Linha Frank, cuja igreja é uma das mais antigas da região, tendo mais de 100 anos. A comunidade recebeu a denominação de *Zionsgemeinde* e nos seus registros consta o batismo do ilustre ex-presidente do Brasil, general Ernesto Geisel.

Da vontade dos antepassados westfalianos em preservar seus costumes, existe hoje no município de Westfália o coral mais antigo do interior do Rio Grande do Sul, que é a Sociedade de Cantores Aliança de Linha Frank, fundada em 7 de maio de 1877 com o nome de *Deutscher Sängerbund*, cujos integrantes já se reuniam e cantavam a partir de 1870, conforme registros no Livro de Atas.

Mas, os descendentes não preservaram somente os costumes da cultura e do trabalho. Assim, após cada jornada, costumam apreciar o lazer, cultivando a dança, a música e esportes. Esses são momentos de alegria e prazer, e uma das principais festas é representada pelo tradicional Kerb, em que é comemorado o aniversário da inauguração da Igreja. A festa acontece tanto na casa das famílias com uma vasta gastronomia que nos primórdios durava três dias, quanto em salões com os tradicionais bailes. Assim, desde a colonização houve a preocupação de moradores, em cada localidade, construir um salão de baile. No início estes salões eram explorados por particulares, não sendo comunitários, sendo que mais tarde foram transformados em sociedades culturais e esportivas.

Com a existência dos bailes, em cada localidade surgiram interessados em música nas mais diferentes famílias. Em muitos os mesmos se uniam formando uma orquestra, chamada na época de Jazz. Outros se apresentavam de forma independente, animando fandangos, que eram realizados principalmente em residências particulares. Nesse contexto, foram importantes o Jazz Brasil, o Jazz Não Nega, a Banda Maringá e Henrique Uebel, o homem orquestra que tocava sete instrumentos ao mesmo tempo.

Os colonizadores ao tomarem posse de sua propriedade, tiveram que se preocupar desde logo com a necessidade de produzir excedentes para serem vendidos, pois precisavam de recursos para pagar as dívidas contraídas com a compra de terras. Assim,

surgiram em todas as localidades as “vendas”, onde ocorria a comercialização desses excedentes, em forma de troca de produtos da agropecuária por mantimentos e vestuário. Os agricultores levavam à “venda” ovos, galinhas, manteiga, banha e em troca traziam tecidos, sal, açúcar e outros produtos não existentes na propriedade.

Os valores da venda e da compra eram registrados em uma caderneta e o saldo ficava depositado, como uma espécie de banco, no comerciante, sendo disponibilizado pelo mesmo em espécie quando surgia a necessidade do produtor. Além de uma boa prosa, a “venda” também era um local ideal para tomar uma **cachacinha** e fazer um jogo de cartas.

Para beneficiar cereais, existiam entre os primeiros moradores diversos empreendedores que se dedicavam à moagem de grãos para a produção de farinhas de milho, trigo e centeio e para descascar arroz. Os produtores levavam os grãos ao moinho e recebiam em troca a farinha resultante ou os grãos descascados, sendo que o custo do serviço era pago com parte da produção.

O abate de animais é outra atividade que inicia com a vinda dos imigrantes, que apreciavam carne e seus descendentes mantêm o costume pois dispensam jamais a presença na mesa de um bom assado ou de uma lingüiça defumada. Assim, além da fabricação caseira, surgiram, matadouros, açougues e fábricas de lingüiça.

Com a necessidade de produção de ferramentas e como a grande maioria dos imigrantes possuía habilidades de artesanato, surgiram as ferrarias, funilarias e as serrarias, que foram as principais expressões industriais surgidas entre os colonizadores.

Na ferraria eram produzidas as ferramentas, como as enxadas, as pás de arados, machados, foices, facões, serras, serrotes e correntes, utilizadas pelos agricultores nas lidas agrícolas e na derrubada de matas e nas funilarias eram produzidas calhas e chaminés para os fogões, entre outras coisas.

Para produzir as madeiras utilizadas na construção de casas e instalações para animais, eram aproveitadas as toras resultantes da devastação da floresta.

Inicialmente, para confeccionar tábuas ou travessas usadas em construções, toras eram serradas pelos próprios agricultores, com uma serra manual, operada por duas pessoas,. Mais tarde surgiram as serrarias, à base da força gerada pelas turbinas, instaladas ao longo dos cursos de água.

A diversidade cultural dos westfalianos representa atualmente um atrativo muito importante para o Turismo na região. Existem corais organizados em cada localidade, um grupo característico de danças que usa como calçado o típico sapato-de-pau, as festas e a culinária típica. Mas os principais expoentes que complementam as demais são o dialeto e o sapato de madeira, ambos conhecidos como sapatos-de-pau. Em relação ao sapato-de-pau podem ser encontrados ainda agricultores que o fabricam de forma artesanal. Além disso, o mesmo pode ser encontrado como um monumento tanto em Teutônia, como em Westfália que além disso desenvolveu lixeiras com formato de sapato-de-pau.

5. Considerações finais

Estudar as diversas etnias, e também os diversos sub-grupos, que contribuíram na formação do que representa atualmente a população do Vale do Taquari, permite entender melhor as expressões culturais, econômicas e sociais e religiosas que prevalecem atualmente no nosso meio. Por outro lado, as manifestações preservadas representam uma importante matéria-prima para a organização do turismo na região.

Bibliografia Consultada

AHLERT, Lucildo. **Família Ahlert – três séculos de história**. Lajeado: Grafocem, 2002.

AHLERT, Lucildo; Gedoz, Sirlei Terezinha. Povoamento e Desenvolvimento Econômico na região do Vale do Taquari; RS -1822 a 1930. **Estudo & Debate**, Lajeado, ano 8, n. 1, 2001.

BARROS, Eliane C., LANDO, Aldair M. Capitalismo e colonização: os alemães no Rio Grande do Sul. IN: DECANAL, Hildebrando (org.). **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PELLANDA, Ernesto. **Colonização germânica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1925.